

ADOLESCÊNCIA HETERONORMATIVA MASCULINA: UM ENFRENTAMENTO COM POSSIBILIDADE DE SUICÍDIO

Male heteronormative adolescence: a confrontation with a suicide possibility
Adolescence heteronormative masculine: un confrontation avec possibilité de suicide

Welson Barbosa Santos¹
Universidade Federal de São Carlos

Marisa Borges (BORGES, M.)²
Universidade Federal de São Carlos

Juliano da Silva Martins de Almeida³
Universidade Federal de São Carlos

Resumo: O presente artigo tem como proposição compreender os processos sociais de constituição de identidades masculinas em relação a heteronormatividade. Parte-se do pressuposto que aqueles comportamentos de adolescentes masculinos que estão fora do que a sociedade aceita e impõe como condutas, contêm os conflitos e as tensões que podem estimular o suicídio entres esses adolescentes. A investigação inicial realizada em rede virtual envolveu 200 meninos adolescentes, alunos de duas instituições de ensino e, destes, foram coletados os relatos de 17 sujeitos apreendendo suas experiências culturais e também suas masculinidades inscritas no discurso da heteronormatividade.

Palavras-chave: heteronormatividade, masculinidade, sexualidade, adolescência.

Male heteronormative adolescence: a confrontation with a suicide possibility

The present article objectives to understand the social processes of formation of masculine identities when compared to heteronormativity. We start from the assumption that those behaviors of male adolescents who are out of what society accepts and imposes as ducts, contain conflicts and tensions that may encourage suicide among these adolescents. The initial investigation conducted in virtual network involved 200 adolescent boys, student from two schools and of these, reports of 17 subjects were collected by seizing their

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação – FAE - Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail: wwsantosw@yahoo.com.br

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação – FAE - Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail: marisaborgess@hotmail.com

³ Pós-graduação da Faculdade de Engenharia Química – FEQ - Universidade Federal de Uberlândia – UFU – E-mail: Juliano-feq@gmail.com

cultural experiences and also their masculinities entered the discourse of heteronormativity.

Keywords: Heteronormativity, masculinity, sexuality, adolescence.

Adolescence heteronormative masculine: un confrontation avec possiblidade de suicide

Résumé: Présent article a comme proposition comprendre les procédures sociales de constitution d'identités masculines concernant heteronormativité. Il se part du présupposition que ces comportements d'adolescents masculins qui sont excepté que la société acceptée et impose comme des conduites contiennent les conflits et les tensions qui peuvent stimuler le suicide tu entres ces adolescents. La recherche initiale réalisée dans filet virtuel a impliqué 200 garçons adolescents, élèves de deux institutions d'enseignement et, de ceux-ci, ont été rassemblées les histoires de 17 sujets en appréhendant leurs expériences culturelles et aussi leurs masculinités inscrites dans le discours de heteronormativité.

Mots-clé: heteronormative, masculinité, sexualité , adolescence.

Introdução

Pressupomos que historicamente a adolescência⁴ tem sido marcada por afirmativas que tomam o termo como “objeto natural” e pelo hábito de usá-la como ponto de partida para uma ideia extemporânea. Dessa forma, a adolescência tem sido datada, localizada, demarcada e referenciada em conceitos e metodologias oriundas de uma configuração específica do saber ocidental. Observa-se também o fortalecimento do discurso de que se trata de fase “natural”, envolta por complexidades e marcada por enfrentamentos. Diferente disso, defendemos o conceito de que a adolescência é uma

⁴ Enquanto fase, a adolescência é qualitativamente diferente da infância e da idade adulta, a palavra vem do latim *ad* (para) somada ao sufixo *ollescere* (crescer), resultando em crescer para. Uma melhor definição seria crescer para a maturidade. O termo originou-se na antiguidade, embora a base sociopolítica dessa diferenciação tenha surgido com a transformação das estruturas sociais ocorrida em fins do século XIX. Nesse período, as questões citadas influenciaram na retirada desses sujeitos do mercado de trabalho para assim frequentarem as instituições educacionais. Dessa forma, baseada na ideia de adolescência como fase de formação para o trabalho, surge os termos "adolescência encurtada" e "adolescência estendida" que descrevem as diferentes oportunidades de formação e educação disponibilizada a pessoas que entram no mercado de trabalho mais cedo ou mais tarde, sendo isso normalmente referenciado na situação cultural e a possibilidade financeira da família.

construção histórica, marcada por questões de gênero e sexualidade e ocorre por meio de diversos rituais e da cultura de um determinado povo.

Ao restringirmos essa abordagem às questões que envolvem especificamente o adolescente menino, percebemos e acreditamos que esses sujeitos tornam-se homem por meio dos projetos de gênero masculino com os quais se envolvem e pelo pertencimento a determinados grupos, onde há regras e maneiras complexas para construírem-se e se fazerem pertencer ao modelo de masculinidade hegemônica existente. Dessa forma, acreditamos que é através dos discursos que ocorre a sedimentação do saber capaz de fixar os corpos desses sujeitos na identidade masculina e que para melhor compreender e discutir a questão são necessários entendimentos sobre a heteronormatividade, gênero, discurso e sexualidade.

O termo heteronormatividade foi criado por Michael Warner em 1991, deriva-se do grego *hetero*, "diferente", e *norma*, "esquadro" e possui raízes nos princípios de Gayle Rubin (1975), o "sistema sexo/gênero" discutido no artigo "O tráfico de mulheres". A heteronormatividade tem como definição prática as instituições que legitimam e privilegiam a heterossexualidade como "natural" dentro da sociedade. O termo ainda tem sido usado na exploração e crítica às normas tradicionais de sexo, identidade de gênero, papel social de gênero e sexualidade, e das implicações sociais destas instituições. Ele é também descritivo de um sistema dicotômico de categorização que vincula diretamente comportamento social e auto-identidade com a genitália do sujeito. Isto significa que existem conceitos estritamente definidos de virilidade e feminilidade e comportamento esperado tanto de homens quanto de mulheres.

Sobre o gênero, Scott (1995) afirma que, enquanto discurso, o termo refere-se a uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, mas que, devido à proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, o termo tornou-se uma palavra particularmente útil por oferecer meios de diferenciar as práticas dos papéis sexuais atribuídos aos sujeitos. Weeks fortalece esse conceito afirmando que:

O gênero (a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher) e a sexualidade, (a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais) tornaram-se duas coisas inexplicavelmente vinculadas. O resultado disso é que o ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) parece algumas vezes, a suprema transgressão (WEEKS, 1986, p. 45).

Então, referenciado em Connell (1995), acreditamos que as masculinidades são configurações práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero,

repercutem nas experiências, físicas, pessoais e culturais do sujeito e são exercidas em práticas diárias nas quais os sujeitos são engajados. Segundo o autor, as masculinidades vêm sendo construídas e reconstruídas pela história e pela cultura, sujeitadas às relações de poder e por isso não devem ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas. Nesse sentido, apoiados no pensar de Badinter (1999) e Connell (1995), afirmamos que para ser homem é preciso tornar-se homem, sendo isso um processo a ser construído e conquistado ao longo da vida. É importante frisar ainda, que a possibilidade de se desviar desse caminho é sempre visto como uma ameaça constante a virilidade do sujeito, independente do momento, idade ou fase vivida. Isso referencia a afirmativa de que é preciso se desconstruir os discursos historicamente estabelecidos de adolescência masculina como sinônimo de período “natural”, de problema, de desequilíbrio, desajuste e fase conturbada e de fragilidades. Pelas afirmativas da autora e do autor os enfrentamentos vividos por esses sujeitos não estão restritos a adolescência, são consequência do discurso e estão presentes ao longo de toda a construção do homem enquanto sujeito.

Podemos afirmar que assim como ocorre no decorrer da vida, a adolescência de meninos é edificada pelo discurso e nesse sentido é importante perceber como eles são organizados nesse campo, que efeito tem sobre o sujeito menino e como é possível perceber a forma em que os conceitos atribuídos a eles saem do campo do discurso e assumem condição de “verdade” natural. Assim, tendo Foucault (2007) como referência, afirmamos que no nosso tempo o discurso divulgado, defendido e aplicado no campo da adolescência masculina está ligado à biopolítica, onde mecanismos normalizadores e regulatórios implicam em um jogo de saber-poder referente ao controle sobre a vida através das práticas sexuais. Nesse sentido, não há relação de poder sem constituição correlativa de um campo de saber, nem de saber que não suponha e não constitua, ao mesmo tempo, relações de poder e que, como conceito, possibilita o entendimento do que chamamos de perspectiva “construcionista” sobre gênero e sexualidade, surgida nas ciências humanas na década de 1970.

A percepção “construcionista” nos permite afirmar que a sexualidade e o gênero de meninos adolescentes são construções históricas através do discurso e não podem ser reconhecidas como questões naturais. Nesse sentido Foucault (1999), adverte que é preciso olhar o discurso arqueologicamente devido à possibilidade do aceite da verdade como uma conformação histórica. Para o autor isso se dá a partir das normas internas dos saberes de certo contexto e através da análise do mesmo em suas contradições, pois:

O discurso é o caminho de uma contradição à outra (...) fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência” (Foucault, 1997, pp. 173 e 174).

Pelo percebido, o discurso é construído com seus procedimentos internos e externos e contribui na inclusão, exclusão, interdição e ritualização da palavra. É dessa forma que poderemos melhor entender os processos de exclusão entre adolescentes meninos, pois são operados pelo discurso, onde só aparecem verdades insidiosamente universais e por isso as ignoramos. Como afirma o autor, existe a vontade de verdade como o grandioso maquinário destinado a excluir. Conclusivamente:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 2011, p. 49).

As afirmativas referentes ao discurso possibilitam o entendimento sobre os contextos de vida dos sujeitos adolescentes meninos, enquanto sociedade. Nesta, os discursos sobre sexualidade estão sustentados sobre referenciais da medicina higienista⁵ e da eugenia⁶ com objetivo disciplinador, corretivo e normalizador. No entanto, embora reconheçamos a importância desse discurso, essa conceituação e interpretação não atinge plenamente o desafio cabível a questão. Assim, um dos desafios a ser enfrentado nessa discussão, respaldado em Louro (1997, 1999, 2003, 2004, 2008, 2009), Miskolci (2006, 2007, 2009, e 2011) e Dinis (2007, 2008 e 2011), é de contribuir nas discussões que buscam o desenvolvimento de caminhos que consigam preencher as lacunas

⁵ Os discursos construídos pela medicina higienista no campo da adolescência de forma geral, sustentam-se em princípios fisiológicos e preventivos e concebe a fase como período de riscos a doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS, sífilis, hepatite, herpes, vulnerabilidade a gravidez e uso de drogas. São discursos que foram levados para a escola e tiveram sua legitimação facilitada pelas similaridades existentes entre a medicina higienista e os conteúdos curriculares biológicos. Estes, desde o século XIX, ajustado de tempos em tempos aos interesses de cada época, são discursos que fortalecem o conceito de adolescência como sinônimo de venerabilidade sendo insuficientes aos desafios cabíveis a essa discussão.

⁶ O termo eugenia foi usado por Francis Galton em 1883 e refere-se ao "bem nascido", aos estudos dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, quer sejam física ou mental. Segundo afirma Foucault (2007) a eugenia surgiu no século XIX e tido como período marcado pelo desenvolvimento de tecnologias do sexo ordenado em torno dos saberes médicos. O autor afirma que, como desdobramento dessa nova tecnologia em torno dos saberes médicos disciplinadores, houve uma associação entre perversões e hereditariedade, desencadeando o surgimento de um projeto estatal e médico para gerir e controlar a sexualidade da população. Então, chegando ao Brasil durante as décadas de 1910 e 1920, como reflexo do ocorrido na Europa e na América do Norte, a eugenia propiciou a associação direta com o estado de saúde, saneamento, higiene e situação racial da população. Em síntese, foi dessa forma que se agregou perversão, hereditariedade e degenerescência, traduzida no conceito de eugenia.

deixadas nesse campo. Ainda, referente à sexualidade, Louro (1999), afirma que ela é mais que pessoal, é social e cultural, envolve inúmeros outros fatores além dos biológicos, perdendo sua essência exclusivamente natural.

[...] a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; [...] é “aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos. A sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. (p. 11).

Dessa forma, por ser ontológica e inerente ao humano, social e cultural, a sexualidade converteu-se em matriz principal na implantação de tática em que domínios e conhecimentos regulam como, quando e onde o sujeito deve existir. Como confirma Foucault (2007), esse conceito de sexualidade é também definido como um dispositivo histórico, uma grande rede de superfície “em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder” (p. 100).

O autor também afirma que, historicamente, dois grandes procedimentos produziram a verdade do sexo: a *ars erotica* e a *scientia sexualis*. A primeira está presente em quase todas as culturas, especialmente nas orientais como a chinesa, a japonesa, a indiana, a romana e povos das nações árabe-muçumanas. Ela refere-se a um conjunto de técnicas e ensinamentos secretos, considerados como rituais de iniciação e preparação erótica de homens e mulheres, tendo como objetivo a plenitude sexual. Referente à ciência sexual, ela surgiu no fim do século XVIII e foi desenvolvida durante os séculos XIX e XX e entendida como conjunto variado de disciplinas científicas e de técnicas relativas ao comportamento sexual. Enquanto ciência, ela envolve a pedagogia, a medicina, o direito, a economia e a psicanálise. Foucault (2007) afirma que ela está comprometida com a relação poder-prazer. Um prazer em se ter poder sobre o sexo, prazer de vigiar, espiar, revelar, fiscalizar, regular e punir. O autor afirma que há também poder em ter prazer de escapar da fiscalização, da regulação, da punição, de transgredir e escandalizar. Mas, para garantir o controle da sexualidade, a *scientia sexualis* utilizou-se de um dos rituais mais importantes de produção da verdade desde a Idade Média que é a confissão. Inclusive, podemos afirmar que a confissão da “verdade” foi inscrita no centro dos procedimentos de individualização pelo poder.

Tendo Foucault (2007) e (2010) como referência, afirmamos que os discursos sobre sexualidade foram construídos entre os séculos XVIII e XIX, embora tenha sido problematizado pelos gregos como um campo moral particular no qual estavam implicadas as “técnicas de si”. Entre eles o objetivo era a busca por uma “estética da existência” e forma ideal de se autoconduzir no mundo. Essas questões para os gregos eram como regras de temperança que deveriam ser seguidas e praticadas. Referia-se a exigências de austeridade medida segundo certos critérios de estilo em uma arte da existência de governar a si e os outros no exercício de seu poder e na prática da liberdade. Assim, percebemos que o ocorrido entre os gregos difere da experiência cristã da carne e do conhecimento moderna de sexualidade e que muito da teorização sobre sexualidade no nosso tempo é uma criação da cultura ocidental, embora isto não signifique que outras culturas não tenham sido igualmente interpeladas pelo enigma do sexual e tenham criado dispositivos para lidar com as reivindicações pulsionais.

Então, não podemos afirmar que existe efetivamente um sujeito soberano, fundador, um formato universal de sujeito que possamos encontrar em qualquer parte. Referenciado em Foucault apud Eizirik, (2002), penso que o sujeito se constitui através de práticas de assujeitamento, ou, de uma forma mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como, na antiguidade, a partir de um certo número de regras, estímulos, convenções, que encontramos no meio cultural.

A escola, as tecnologias de comunicação e o discurso.

Sendo as masculinidades e sexualidades inscritas através de experiências culturais, construídas em relações sociais pelo discurso, partimos do princípio de que espaços como escola e tecnologias de comunicação, como a internet, possibilitariam a observação dos discursos em torno desses temas e também como ocorrem suas construção e disseminação. Ao buscar articulação dessas esferas, acreditamos que o êxito dessa investigação ficou dependente do desenvolvimento de metodologias que não apenas permitissem estudar cada um dos componentes dos processos sociais de constituição das identidades, mas também as interdependências entre as categorias.

Ao definir nosso campo de pesquisa, notamos que os espaços virtuais e as mídias têm sido percebidos como ferramentas de pesquisas qualitativa e quantitativa de valor considerado e essas afirmativas sustentam-se no fato de que, no nosso tempo, estes espaços têm sido locais de

socialização, criação e fortalecimento de identidades culturais e também locais onde os discursos são construídos, repassados, expressados e revelados. Então, devido, na atualidade, adolescentes passam parte significativa do tempo disponível “conectados” a redes de internet, em espaços virtuais de convivência social como Facebook e Orkut. Afirmamos que, somado à escola, estes meios tornaram-se os principais veículos na produção e propagação de processos de subjetivação dos sujeitos. Por isso pressupomos que as mídias nos dariam acesso à dinâmica que envolve as questões de sexualidades e gêneros que nos propomos discutir.

Definido os locais onde buscaríamos os discursos de meninos adolescentes, nos voltamos à delimitação da idade, quantos e quais ambientes escolares seriam adotados, e nestes, o número de sujeitos que convidaríamos a participar do trabalho. Assim, restringindo o grupo às faixas etárias de 14 a 16 anos, adotamos duas instituições de Ensino Médio, uma pública e outra particular, localizadas no município de Uberaba – M.G. e cidade onde o pesquisador reside e convidamos um grupo de 100 sujeitos em cada uma das escolas escolhidas. Então, iniciado em março de 2012, em dia pré-estabelecido, foi apresentado como “recurso provocativo” aos sujeitos, nas escolas onde cada grupo estuda e em ambiente adequado, pequenos recortes do filme *Tróia*⁷ com duração de 5 minutos. Logo depois foi proposta uma discussão sobre masculinidades, sexualidade e conflitos comuns na adolescência masculina e durou aproximadamente 90 minutos. Ao final o pesquisador convidou todos a responderem, caso tivessem interesse, a um questionário presente no site de relacionamento social “Facebook”, acessado pelo endereço virtual www.facebook.com e onde todos precisariam tornar-se membro de um mesmo grupo para assim poder acessar as perguntas. Explicou-se ainda que as perguntas estariam na sessão grupos e intitulada “adolescência, rir ou chorar”.

O adotar do espaço virtual como local de pesquisa está apoiado em Marcuschi (2004). Tido como excelente recurso de uso prático pluralista, esses locais possuem grande potencial a ser explorado. Acreditamos, assim como Freitas et al. (2004), que a opção oferece uma série de

⁷ *Tróia* é uma produção cinematográfica do Estúdio Warner Bros, dirigido por Wolfgang Petersen e com duração de 162 minutos. O filme Lançado em 2004, conta que em 1193 a.C., Paris como príncipe provoca uma guerra da Messênia contra Tróia, ao afastar Helena de seu marido, Menelaus. Assim, tem início uma sangrenta batalha que dura mais de uma década. A esperança do Priam, rei de Tróia, em vencer a guerra está nas mãos de Aquiles, o maior herói da Grécia, e seu filho Hector. O filme ainda retrata a particular relação afetiva entre Aquiles e seu amigo Pátroclo.

vantagens sobre outras alternativas de pesquisas qualitativas, por nos permitir acessar base de dados num servidor remoto e análises feitas na própria página de relacionamentos, além de disponibilizar-nos tabelas, gráficos e porcentagens preestabelecidas. Então, usando dessa ferramenta, 135 sujeitos aceitaram o convite feito a eles nas duas escolas e responderam ao questionário disponibilizado virtualmente na sessão “grupos” do site de relacionamentos sociais Facebook.

Nesse sentido, Mann e Stewart (2000) apontam quatro métodos possíveis de pesquisas online: entrevistas estruturadas, entrevistas não padronizadas, técnicas de observação e coleta de dados pessoais. Para o desenvolvimento desse trabalho adotamos dois métodos, dos quatro sugeridos pelo autor. As entrevistas estruturadas com respostas objetivas e padronizadas, buscando acessar um conjunto limitado de categorias de respostas foi um deles. Para isso, adotamos dois códigos preestabelecidos de respostas - “sim” e “não”. As perguntas disponibilizadas virtualmente aos 135 sujeitos versavam sobre: sentir-se mais ou menos masculino; serem ou não taxados de homossexuais por observações e conclusões aparentes; auto avaliarem-se como tristes ou deprimidos em situações decorrente de julgamentos e cobranças sobre ter ou não posturas mais masculina; sentirem-se excluídos ou incluídos em seus grupos de convivência na escola e pressuporem que isso é decorrente de pré-julgamentos sobre gênero e sexualidade e se haviam pensado ou não sobre suicídio em algum momento, durante a adolescência, decorrente de cobranças ligadas às questões citadas e dessa forma foi possível identificar 17 sujeitos com o perfil que buscávamos.

Identificado, os 17 sujeitos foram convidados a fazerem entrevistas não padronizadas e menos estruturadas. No ambiente online, essa modalidade permite conversas em tempo real através de chats de sites. E para isso usamos o www.facebook.com. Concordamos com Mann e Stewart (2000) que essa forma de entrevista semiestruturada que adotamos foi importante por se parecerem mais com “conversas” entre participantes iguais e permitir-nos, dessa forma, acessar as experiências subjetivas dos sujeitos participantes. Os autores apontam que as entrevistas realizadas nos espaços virtuais viabilizam discussão de assuntos embaraçosos, difíceis de serem discutidos face a face e que o formato possibilita o anonimato nas narrativas individuais sobre qualquer questão de riscos e de comprometimento de quem informa. Dessa forma, as perguntas subjetivas sobre gênero e sexualidade foram disponibilizadas a cada sujeito individualmente.

Referente ao meio virtual quanto espaço de pesquisa, ele vem se tornando pauta de legislação e nesse sentido, Mann e Stewart (2000) listam algumas formas de processamento de

informações online. Eles sinalizam que os dados pessoais devem ser coletados nesses espaços com um propósito legítimo e específico, os sujeitos envolvidos devem ter acesso aos dados coletados sobre eles e que é necessária a existência de um banco de dados de domínio público. Ainda, que os dados devem ser armazenados de forma apropriada, evitando possíveis riscos e acessos sem autorização e modificações não autorizadas. Os autores ainda salientam que os dados devem ser colhidos num contexto de fala livre, em detrimento de o ambiente ter suas formas de coerção e de estresse e que os mesmos não podem ser comunicados externamente sem o consentimento do sujeito que os gerou. Assim, buscando obedecer aos critérios éticos de uma pesquisa científica, ainda buscou-se obter autorização das instituições de ensino onde o trabalho teve seu início e declaração por escrito de todos os pais e responsáveis dos adolescentes meninos que aceitaram voluntariamente participar da pesquisa.

Adolescência masculina: o desafio de uma construção

Construir saberes que discutam os componentes e os processos sociais de constituição das identidades, que compreendam as interdependências entre as categorias, são movimentos que possibilitam rompimentos de opressões, o conhecimento de como são determinadas mutuamente e são vivenciadas e repassadas, mas isso exige um entendimento de que em nosso tempo esses processos têm sido marcados por mudanças sociais relativamente bruscas e possibilitado rompimento com as normas há muito estabelecidas. O espaço doméstico onde todo sujeito inicia sua construção logo ao nascer ou mesmo antes do nascimento serve como exemplo disso. Nas famílias, cada vez mais as mulheres tornam-se administradoras do lar e há casos em que assumem o papel social de sustento do grupo. Não muito raro, elas mantêm financeiramente o marido e, circunstancialmente, o sujeito masculino assume os afazeres domésticos.

Então, ao pensarmos na escola como local de experiências fora do espaço doméstico, a reconhecemos também como local e campo de possibilidades, construção e legitimação e ambientes onde adolescentes meninos encontram elementos que reforçam ou desconstróem o discurso hegemônico sobre o que é ser homem. Louro, (1997, 1999, 2003), ao discutir o tema reforça que o tratamento de meninos e meninas na escola apresenta diferenças perceptíveis. Lá, meninos “podem tudo” e meninas precisam ser “recatadas”. Assim, referente ao discurso sobre gênero e sexualidade, quer seja no espaço familiar ou escolar, mesmo que o discurso vigente seja heteronormativo,

referente ao masculino o evidenciado é que os sujeitos vão estar diante de diferentes caminhos a serem percorridos na vida como: o destino de sexualidade e gênero pré-determinado e ou a busca por experimentação de caminhos diversos. Então, uma vez construídas e reconstruídas historicamente, as masculinidades não podem ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas. É interessante observar no discurso que segue essas questões:

Minha casa nunca teve uma televisão porque a igreja da minha família não "permitia" e meus pais sempre seguiram muitíssimo à risca. Então, não vivi onde se falava muito de futebol. Meu pai não jogava. Quando entrei no colégio começaram as cobranças, "se você é macho, tem que saber jogar futebol". Não tive influência em casa, isso tem relação com o não gostar. Achava meio sem sentido, preferia ficar quieto no meu canto, jogando dama ou torrinha na educação física. Também não cresci falando de mulher, do jeito vulgar que muitos falam. Meus pais nunca aceitaram esse tipo de conversa cresci convivendo só com adultos.

Pelo descrito percebemos que os conceitos de Connell (1995), são importantes ao afirmar que as masculinidades estão sempre mudando de acordo com a história e a cultura e também sujeitas às relações de poder. O percebido é que o conceito de "homem na verdade é uma espécie de artefato", onde os discursos são consolidados por meio do senso comum e pelo poder de criar regras. Embasado no autor, percebe-se que a masculinidade está em construção por cada sujeito, proporcional ao modo e como cada uma ocorre e servindo de aceitação ou motivos de segregação. Trata-se de um embate social, onde a produção de um tipo particular de masculinidade exemplar requer uma luta política e conseqüentemente a derrota de outras masculinidades alternativas. A sentença é que não alcançar plenamente o padrão hegemônico de masculinidade é estar fora da "regra". E sendo assim, concordamos com Miskolci (2006), as masculinidades "inadequadas" diante das exigências heteronormativas são consideradas subalternas, desviantes, desvalorizadas, negligenciadas, trazem complexos processos de ajuste, desencadeiam desequilíbrio aos adolescentes meninos e pode ser mostrado a seguir.

Não sabia jogar bola e não gostava então, lógico que já fui chamado de "viadinho" por conta disso. Eu tirava notas altas daí isso também ajudava na zuação. Um dia, por exemplo, numa viagem a uma usina, meus amigos levaram uma playboy escondida no ônibus. Eles me mostraram e eu pensei "meu! como assim? isso é super errado! a gente não devia estar olhando isso!" Riram e fizeram piadinha, mas não porque eu falei, porque só pensei, mas devido minha reação de repulsão àquele comportamento. E aí ouvi: "ui, que moleque gay!" A verdade é que a gente tenta se enquadrar. Ninguém quer viver sentindo-se como se fosse um peixe fora d'água. Aí tentamos aderir "aos padrões", o que não é uma tarefa muito fácil. A gente se sente meio oprimido e tal e chega até a querer agradar desagradando a si mesmo. (sujeito 06)

Apoiado no pensar de Louro (1999) e Sedgwick (2007), percebe-se que diante das exigências heteronormativas, basta despertar a suspeita de não se ser heterossexual para que todo um comportamento homofóbico surja e desencadeie séria rejeição entre os grupos sociais masculinos. Connell (1995) afirma que essa desvalorização de certos tipos de masculinidades visa o fortalecimento da masculinidade hegemônica. Nesse sentido, Junqueira (2009), afirma que a cobrança é facilmente reconhecida por meio de atitudes, enunciações e comportamentos não raros e abertamente homofóbicos.

No sentido de cobrança e pressão elas eram equilibradas entre a escola e meus pais. Em casa doía mais porque pai e mãe é quem agente confia e se eles duvidam da sexualidade do próprio filho, por não saberem a resposta dificulta até tentar uma comunicação. Meu pai não brigou, só comentou que sabia como era o caminho de ser gay, que não era fácil, que eu ia sofrer muito, mais que o que eu decidisse pra ele estava bom e que nada iria mudar entre nós. Foi um alívio mesmo sabendo que eu não era gay.

Embasado em Connell (1995), afirmamos que a masculinidade é uma construção do sujeito e, proporcional ao modo e como cada uma ocorre, ela serve de aceitação ou motivos de segregação. Nesse sentido, é importante frisar que a produção de um tipo particular de masculinidade exemplar requer uma luta política e conseqüentemente a derrota de outras masculinidades alternativas. Um de nossos pressupostos, referenciado na O.M.S. (2006) e Junqueira (2009), é que o tipo de cobrança feita aos meninos que não alcançam a masculinidade heteronormativa tem contribuído para o aumento do suicídio entre eles. Os sujeitos pesquisados contribuem para nossos pressupostos.

Por contas de cobranças em relação ao meu jeito de ser eu admito que pensei muito em me matar, mas sabia que isso iria piorar, que minha mãe não resistiria. Esse sentimento surgiu quando contei para ela que tinha duvidas sobre minha sexualidade e durou até uns meses depois. O sentimento era tão ruim que pensava em pular da ponte ou de um viaduto, de Injetar ar nas veias, tomar veneno ou Cortar o pescoço. Acho que se minha mãe tivesse me rejeitado no momento em que conversei com ela ou nos dias seguintes, talvez eu tivesse feito isso ou fugido de casa.

Pelo observado, o comportamento homofóbico que surge, desencadeia séria rejeição entre os grupos sociais masculinos e contribui para o quadro depressivo entre esses sujeitos. Seria a desvalorização de certas masculinidades para o fortalecimento da masculinidade heteronormativa e atitudes, enunciações e comportamentos abertamente homofóbicos.

Mas, Joan W. Scott (1998) observa que diferenças não são aspectos univocamente estabelecidos e reconhecíveis. Referenciado na autora, entendemos que é preciso evitar a armadilha de tomar como dadas as diferenças, e sim tornar visíveis os processos sociais que as criam, pois a diferença é o resultado da designação do outro, que distingue categorias de pessoas a partir de uma norma presumida. Assim, fica entendido que, para “minar” com as opressões, talvez fosse necessário romper com os discursos acadêmicos e fazer a insurreição daquilo que os meninos discursam sobre quem são, diante do que eles acham que se espera deles e como resolvem isso.

Considerações finais

Algumas considerações podem ser assinadas após a pesquisa realizada. Percebemos, nos discursos dos adolescentes meninos, como afirma Foucault (2007), a presença de um prazer em se ter poder sobre o sexo, prazer de vigiar, espiar, revelar, fiscalizar, regular e punir. Perceptíveis na forma como as relações sociais são descritas, os discursos descreveram as diferenças entre o que se aprende no ambiente familiar e o exigido no meio social. tornou-se perceptíveis também as cobranças sobre os diferentes comportamentos que fogem a heteronormatividade. Mas, ao mesmo tempo percebe-se o poder em ter prazer de escapar da fiscalização, da regulação, da punição, de transgredir e escandalizar. Percebemos que esse tem sido os caminhos de fuga e resistência daqueles que estado na condição de subalternos.

As questões citadas reforçam o conceito de que toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não-finalizada. O que fica evidente é que, como uma relação social no interior do eu e como uma relação social entre “outros” seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais, não só pelos aspectos de gênero e sexualidade que abordamos, mas também no campo de raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular.

Outra questão percebida nos discursos diz respeito à homossexualidade que cumpre o papel de ameaça a masculinidade hegemônica. Observou-se que a todo tempo há um compromisso de dizer não a qualquer postura que negue a heterossexualidade. Observa-se que uma das condições para se tornar homem é “não ser gay”. São questões que demonstram a necessidade de se repensar o conceito de práticas sexuais "boas" e "más", masculinidades “normais” e “anormais”, sujeitos “mais” ou “menos” masculinos, reforçam o desafio de se romper com o pensar do sexo como um vetor de opressão. O que podemos afirmar é que questões ligadas a sexualidade que já havia sido interdita e regulamentada pela moral religiosa e que aos poucos se tornou de domínio da ciência ainda persiste ditando às regras.

Ainda, identificamos através dos discursos a demarcação de lugares que influenciam atitudes e práticas específicas no exercício de ser masculino. É como algo que ocorre a partir de corpos que “funcionam” de forma diferente na sua interface com o campo biológico, são demarcações de territórios rígidos e identidades fechadas para o adolescente menino. Ainda, confirmando nosso pressuposto, o percebido é que são experiências que tem desencadeado sofrimento, gerado desequilíbrio, inquietação e fuga. Os discursos aqui transcritos também puderam reforçar a hipótese de que as dificuldades enfrentadas por adolescentes meninos seja fator a contribuir na elevação da taxa de suicídio entre eles.

As entrevistas piloto desse trabalho sinalizaram dados que têm chamado a atenção de grupos de pesquisadores e sociedade e, baseado nos discursos, podemos confirmar que gênero e sexualidades entre adolescentes meninos tem sido edificadas através de inúmeras aprendizagens e práticas, investidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de forma explícita ou dissimulada, num processo sempre a se completar.

Entendo que é preciso romper com o conceito de sexualidade como um ímpeto rebelde, estranho por natureza e indócil por necessidade. Como afirma Foucault (2007), a sexualidade aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder. Relações onde a sexualidade não é o elemento rígido, mas dotado da maior instrumentalização que é utilizável no maior número de manobras, servindo de ponto de apoio e de articulação às mais variadas estratégias. Concordando com o autor, os discursos reforçam o conceito de que a sexualidade e as implicações dela com as questões de gênero, é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico, não a realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede de superfícies em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos

conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encandeiam-se uns aos outros segundo algumas estratégias de saber e de poder.

Concluo esse trabalho reforçando o conceito de que o poder não é repressivo ou opressivo e que sua maior força está na riqueza produtiva gerada entre o poder e a resistência. Sendo assim, podemos afirmar que entre adolescentes meninos a questão heteronormativa tem se fortalecido através das masculinidades tidas como “subalternas” e que diante disso os sujeitos tidos como subalternos têm buscado e encontrado caminhos de resistência. Ainda, referenciado nos discursos dos meninos adolescentes que participaram desse trabalho, podemos afirmar que as relações de poder e resistência tem sido importantes nas suas construções quanto sujeitos. Porém, percebemos também que há circunstâncias em que não se tem conseguido estabelecer a resistência ao poder heteronormativo e isso tem possibilitado a instalação da violência. Uma violência que limita os sujeitos de avançarem nos processos de amadurecimento levando-os a questionar se viver vale a pena. Sendo assim, nossa expectativa, como afirma Britzman (1996) é de que as questões de desejos, de amor, de afetividade e de identidade continuem surpreendendo a cada um, que os embates sociais entre poder e resistência possibilitem a criação de formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza, da normalidade e promova a vida para que não se faça a opção de morte como alternativa.

Referências

BRITZMAN, D. P. *O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo*. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 21, p. 71-96, jan./jun. 1996.

BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1999.

COONEL, R. *Políticas da Masculinidade*. Educação & Realidade. Porto Alegre. V.20, n. 2, jul./dez., 1995.

DINIS, N. F. *Educação, relações de gênero e diversidade sexual*. In: Revista Educação & Sociedade. v.29. n.103.mai/ago, Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S010101-733>.

DINIS, N. F.; MADLENER, F. *A homossexualidade e a perspectiva Foucaultiana*. In: Revista do Departamento de Psicologia, UFF, v.19. n.1, Niterói, 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S0104-802>.

DINIS, N. F. *Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. Editora UFPR, 2011.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*, vol. I – A vontade de saber. 18ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 2007.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*, vol. II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 21. Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. “Verdade, poder, self”. in M. F. EIZIRIK, Michel Foucault, um pensador do presente. Ijuí, Unijuí, 2002.

FREITAS, H.; JANISSEK-MUNIZ, R.; ANDRIOTTI, F. K.; FREITAS, P.; COSTA, R. S. *Pesquisa via Internet: características, processo e interface*. Revista Eletrônica GIANTI, Porto Alegre, 2004.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

LOURO, G. L. (Org) *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999.

LOURO, G. L.; NECKEL, F.J.; GOELLNER, V.S. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

LOURO, G; L. *Um corpo estranho: ensaios sobre* LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2004.

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 10.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2008.

LOURO, G. L.. *Foucault e os estudos queer*. In: RAGO, Margareth. VEIGA-NETO, Alfredo. Para uma vida não-fascista. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009. p. 135-142.

JUNQUEIRA, R. D. *Homofobia nas escolas: um problema de todos* in: Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério D. J. (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MANN, C.; STEWART, F. *Internet Communication and Qualitative Research: a handbook for researching online*. London: SAGE Publications, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, L. A. XAVIER, A. C.s (Orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2004.

MISKOLSI, R. *Não somos, queremos: reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea*. In: COLLING, Leandro (Org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: UFBA, 2011. p. 37-56,

MISKOLSI, R. *O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet*. Niterói: Gênero, 2009.

MISKOLSI, R. *Corpos Elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis: Ed. IEF, 2006.

MISKOLCI, R. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização*. 2007. Disponível em http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf.

Mundial De La Salud – OMS. *Prevenção do Suicídio: um recurso para conselheiros*, Genebra, 2006.

RUBIN, Gayle. *The Traffic in women: Notes on the 'political economy' of sex*. In: R. Reiter (ed.), *Toward an Anthropology of Women*, New York: Monthly Review Press, 1975.

SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SCOTT, J. W. *La citoyenne paradoxale. Les féministes françaises et les droits de l'homme*. Paris: Editions Albin Michel, 1998.

SEDGWICK, E. K. *A epistemologia do armário*. Cadernos Pagu Vol. 28, Campinas, São Paulo, jan./jun., 2007.

WEEKS, J. *Sexuality*. New York: Routledge, 1986.